

8
L Y R A S

D E

J O N I N O

P A S T O R D O S E R R O ,

O F F E R E C I D A S A O S E N H O R

A N T O N I O J O S E ' F E R R E I R A D E A B R E U ,

P O R

J O A Q U I M J O S E ' L I S B O A ,

Alferes do Regimento regular de Villa-Rica.



L I S B O A ,

N A I M P R E S S Ã O R E G I A .

A N N O M . D C C C . V I I .

Com Licença de Sua Alteza Real.

L Y R A S

D E

J O N I N O

P A S T O R D O S E R R A O

O P T E R E C T A S A O S E N H O R

A N T O N I O J O S E F E R R E I R A D E A Z E V U

P O R

J O A O Q U I M J O S E L I S B O A

A g e n t e d o R e g i m e n t o r e g u l a r d e V i l l a - R i a s



L I S B O A

N A I M P R E S S A O R E G I A

A N O M . D C C C . V I I

C o m L i c e n c a d e S u a M a j e s t a d e R e a l

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier de Noronha.

S O N E T O.

Recommanda o pincel da eternidade,
 Brandas Imagens retocar ao vivo,
 Dos Distinctos Herões, que em peito activo,
 Guardarão por costume a humanidade:

Quaes de Alexandre acções de heroicidade,
 São de teu peito Illustre hum distinctivo,
 Por outro lado hum genio compasivo,
 Em ti nos vem mostrar Tito em bondade:

Vê, Senhor, quantos dons o Ceo te envia,
 Para ser immortal a tua Gloria,
 Que a trompa alada rápida annuncia:

Ah! que eu sei, que hasde dar ao verso á Historia,
 A hum voar na penna ao eterno dia,
 A' outra honrar de Herões alta memoria.

No dia em que felizmente fez quatro annos, a Se-
nhora D. Francisca Candida da Ascensão.

N Hum bosque florido,
Visinho d'hum monte,
Ao qual fresca fonte,
Vai sempre regar . . .

Hum bando ligeiro . . .
De lindos Amores,
Quaes destros Acores,
Alli vai pousar.

Hum colhe apresado,
Da verde floresta,
Mimosa giesta,
O outro hum jasmim.

Hum molho este apanha,
De murtas viçosas,
O outro com rosas,
Enrama alecrim.

Aquelle observando
Das Aves os ninhos,
Dous tenros pombinhos,
Implumes achou.

Qual d'estro este tece,
 De juncos, e feno,
 Sestinho pequeno,
 Aonde os deitou.

Já outro indagando,
 As vastas campinas,
 Papoilas, boninas,
 Voando lhes tras.

Aquelle colhendo,
 Os fructos mimosos,
 De alperces cheirosos,
 Provia o cabas.

Assim diligentes,
 Os meigos amores,
 Com fructos, com flores,
 Se vião estar

Quando entre huma nuvem,
 O alado Cupido,
 Com Venus, de Gnido,
 Os vem observar.

Oh! quanto são gratos,
 Amores benignos,
 Obsequios tão dignos,
 A Deosa lhes diz.

As puras offrendas,
 Levai ao meu Templo,
 Pois hoje contemplo,
 Ser dia feliz.

Lá sobre os Altarés
 Serão recebidas,
 Não como offerecidas,
 A' Deosa do Amor.

Em honra do dia,
 Em que se colhêrão,
 Os Deoses lhe derão,
 Destino melhor.

Em Nome dos Numes,
 A Deosa do Idalia,
 A' filha de Annalia,
 As manda offertar.

O bando risonho,
 Dos destros Amores,
 Cobertos de flores,
 Sobio logo ao ar.

A bella Francina,
 A offerta mimosa,
 Da Deosa formosa,
 Fiel recebeo.

E a Nuvem doirada,
 A impulso dos ventos,
 Em curtos momentos,
 Desappareceo.

Fazendo annos a Senhora D. Maria Paula;

M O T E.

Os annos da nossa Amada.

G L O S A.

P Hebo os rápidos Ethontes,
 Regendo hum dia mais cedo,
 Por fazer á noite medo,
 Vem mostrar aos Orisontes;
 Nos fundos vales, nos montes,
 Se via a luz derramada,
 Com esta acção innovada,
 Todo o Universo julgou,
 Que o Sol tambem festejou,
Os annos da nossa Amada.

Vi hum triste a quemna morte,
 Macerando o afflicto rosto,
 Faz ir a hum patibulo, exposto,
 A' final ultima sorte:
 Ergue o Algoz o braço forte,
 E indo a dar a pancada,
 Jove em Nuvem prateada,
 Desce, e diz = a mão suspende,
 Porque a esse Réo defende,
 Os annos da nossa Amada.

Ixion co'a roda parou,
 Não sobe si zypho ao monte,
 Descança o velho Caronte,
 O Abutre a Tithio deixou:
 Tantalos d'agoa provou,
 Que a seu pezar lhe he vedada,
 Foi a pena commutada,
 Por Divina; alta clemencia,
 Por lhes servir de indulgencia
 Os annos da nossa Amada.

*Mal que entre os mortaes nasci,
Mandarão os impios Fados,
Que eu no mundo não tivesse,
Instantes affortunados.*

G L O S A.

QUando a mão da Natureza,
Alentos vitaes me deo,

Arrependida gemo,
Do meu mal tendo a certeza:
Dos meus Fados a aspereza,
Mesmo entre as trévas senti;
Silencioso gemi,
Julgando assim necessario,
Pois tudo me foi contrario,
Mal que entre os mortaes nasci.

Apenas ao mundo venho,
Decreta mão superior,
Que aos mortaes sirvão de horror,
Os tristes signaes que tenho:
Cresco, e cresce austero o empenho,
Dos meus dias desgraçados,
Meus votos torão baldados,
Pois por Leis d'Astro malino,
Que se cumprisse o destino,
Mandarão os impios Fados.

Lêo minha sorte fatal,
 Homem de rosto pezado,
 Sacerdote a hum Templo dado,
 Para ser Nuncio do mal:
 O seu presagio infernal,
 Me suplanta, me estremece,
 Tanto Jove o favorece,
 Que desde então para cá,
 Hum só tormento não ha,
Que eu no mundo não tivesse.

Com sanguinea vista impura,
 Negros Manes consultou,
 Quatro vezes me observou,
 Cinco em segredo mormura:
 Voltando-se então me augura,
 Successos tristes damnados,
 E com os dedos mirhados,
 Fazendo gestos, me diz,
 Nunca hasde ter, infeliz,
Instantes affortunados.

A hum amigo do A. á morte da sua filha a Senhora
D. Eufrazia.

SONETO.

A Morte he certa, mas na tenra idade,
Com vida regular, com bons costumes,
Que podes tu, pensar, ou que presumes,
Que do Ceo não foi obra de piedade!

Huma Alma parcial da ingenuidade,
Era toda do Olimpo, era dos Numes,
Ah! refrea as paixões, deixa os queixumes,
Não triunfe de ti fatal saudade:

No Ceo entrou gentil, bella Eufrasina,
E ao seu Creador hymnos cantando,
Passou de ser humana, a ser Divina:

Genio Celestial, modesto, brando,
Do Ceo dos Anjos onde estás, me ensina,
O caminho do bem que estas gozando.

Ao mesmo assumpto a seu Mano de quem o A.
he tambem muito amigo.

SOIN E T O O.

Não chores Jonio, que a Eufrasina tua,
Que assás te inspira fraternal saudade,
Gozando está do bem da Divindade,
Na Presença de Deos, na gloria sua:

No errado cháos do mundo não flutúa,
Do Inferno triunfou na tenra idade,
Abrange a gloriosa eternidade,
Mais formosa que o Sol, melhor que a Lua:

Entre as Virgens entrou brilhante, e pura,
Dos Martyres a Coroa a condecóra,
Tudo vem realzar-lhe a formosura:

Mais serena, mais bella do que a Aurora,
O Ceo a quiz: Divina creatura,
Formosa Eufrasia, quem te víra agora.

PRIZÃO DO ROUXINOL.

Jonino, que desprezado,
 Se vio da cruel Belmira,
 Quebrou a flauta sonora,
 Nunca mais pegou na lyra.

Guarda seu gado chorando,
 Porque aos males não resiste,
 Nunca ninguém vio no campo,
 Andar hum pastor tão triste.

Tinha elle hum lacinho armado,
 Dentro d'hum bosque sombrio,
 Distante do seu casal,
 Nas margens d'hum manço rio.

Aproximando-se ao bosque
 Pequenino guincho ouvio,
 O qual dava hum rouxinol,
 Que no lacinho cahio.

Lembra-se então que Belmira,
 De passarinhos gostava,
 De alegria transportado,
 Ior todo o bosque saltava.

De brancas linhas ligeiro,
Delgado cordão teceo,
Onde o pé da simples Ave,
Com muito geito prendeo.

Diz depois, Orpheo dos bosques,
Que thesouro em ti consigo!
Talvez Belmira em te vendo,
Torne a ficar bem comigo.

Heide eu mesmo conduzir-te,
E em signal de meus amores,
Hasde levar no pescoço,
Pequeno colar de flores.

Desta vez o meu destino,
Se esqueceo de ser escaço
Heide offerecer-te, e pedir-lhe
Em recompença hum abraço.

Isto dizia Jonino,
Entre hum prazer lisongeiro,
Tendo então na mão fixado,
O innocente prizioneiro.

Ata o alado cantor,
E em quanto as flores colheo,
O prezo assustado á pressa,
C'o bico se desprendeo.

Conseguida a liberdade,
Como pôde, e como quiz,
Tanto elle foi venturoso,
Quanto o pastor infeliz.

Voa ao simo d'hum salgueiro,
Onde contente cantava,
Em quanto Jonino triste,
Sua sorte lamentava.

Tanto a voz melodiosa,
Pelo bosque se estendeo,
Que a innocente esposa sua
No salgueiro appareceo.

Sacodindo então airoso,
A vestimenta plumosa,
Deixa o ramo que o sustem,
E vai pousar junto á esposa.

Depois, que com meigos gestos,
Hum ao outro se afagarão,
Meneando as leves azas,
Com brando adejo, voarão.

Jonino vendo nas Aves,
A mais feliz união,
Maldice a fortuna sua,
Maldice a sua paixão.

Diz depois vendo pendente
 No laço huma leve pluma,
 As esperanças d'hum triste,
 Vem a ser cousa nenhuma.

*Nocturnos môchos piadrão
 Sobre o meu triste casal.*

COLCHEIA.

QUando os Ceos determinarão,
 Que eu sahisse á luz do dia,
 C'hum Corvo negro á porfia,
Nocturnos môchos piadrão:
 As furias no Inferno uivarão,
 Ouvio-se hum trovão fatal,
 Calouisse o mundo, e a final,
 Medonha voz d'ecço forte,
 Augurou minha má sorte,
Sobre o meu triste casal.

*A minha mesma rival,
Será minha vingadora.*

COLCHEIA.

Quer hum traidor, por meu malvado,
Que o fel do ciume eu beba,
E que obsequios meus receba,
A minha mesma rival:
Sinto na Scena fatal,
Veneno de Hydra traidora;
Mão do Ceo, mão protectora,
Que prevê quanto eu repito,
Castigando o seu delicto,
Será minha vingadora.

*Cupido sendo frecheiro,
A's vezes erra o seu tiro.*

COLCHEIA.

Depois de ser Deos armeiro
O Pai de Amor, a meu ver,
Por força havia nascer,
Cupido sendo frecheiro:
Astuto, destro ligeiro,
Por todo o mundo faz giro,
Cabe na voz d'hum suspiro,
Rege os humanos, não nego,
Porém como nasceo cego,
A's vezes erra o seu tiro.

Dialogo entre Aonio, e Jonino.

- Aonio.** Não me dirás, que motivo
Te obriga a deixar a lyra!
- Jonino.** Os desgostos que me causão,
Os desprezos de Belmira.
- Aonio.** Quantas vezes me disseste,
Que ella amava só Jonino.
- Jonino.** Assim mo disse, porém
Sei que estima mais Jozino.
- Aonio.** Nunca por ti essa ingrata,
Sentio as paixões de amor.
- Jonino.** Conheci, porém já tarde,
Que era o genio seu traidor.
- Aonio.** Que he Jozino assás feliz,
Deverás então dizer.
- Jonino.** Não direi, porque isto mesmo,
Lhe há de vir a succeder.
- Aonio.** Eu não sei a fé jurada,
Como tão depressa esquece.
- Jonino.** E ficou da mesma sorte,
Como se tal não houvesse.
- Aonio.** Como podes tu viver
Tendo dôr tão vehemente?
- Jonino.** Penalizado mil vezes,
Como vive muita gente.
- Aonio.** E tens apimo de vella,
Nos braços do teu rival.
- Jonino.** Se ella a mesma já não he,
Supponho que não ha tal.

Aonio. Eu não conheço Belmira,
 Mas quizera conhecella.
Fonino. Eu te pinto o seu retrato,
 Que he quasi o mesmo que vêla.

Ouve, em primeiro lugar,
 He d'hum corpo magestoso,
 He algum tanto trigueira,
 Porém de rosto formoso.

São seus olhos divinaes,
 Brilhão bem como as estrellas,
 Breve boca, dentes claros,
 Rosadas as faces bellas.

Por andar á Gafornie,
 Tem estragado os cabellos,
 Mas por alguns que não corta,
 Se conhece que são bellos.

Se está sizuda he formosa,
 Quando se ri muito mais,
 Parece que nella habitão
 As graças celestiaes.

Aonio. He o colo á proporção,
 Do mais que pintado tenho,
 O Ceo quando quiz formalla,
 Teve talvez grande empenho.

He agradavel, he meiga,
 Generosa, liberal,
 Parece que o genio seu,
 Não sabe o que he fazer mal.

Anima-se de tal sorte,
 Que prevê quanto he preciso,
 Quando dispende favores,
 He sempre cheia de rizo.

Nestas de amor apparencias,
 O engano se rebusava,
 E inda prevendo as lisonjas,
 Fielmente a acreditava.

Prezo de ouvílla, e de vèlla,
 Estimava a escravidão,
 Nutrião falsos agrados,
 Ao meu terno coração.

Mil vezes de Amor no Templo,
 Vî de novo protestar,
 Que infringir não saberia,
 As sagradas Leis de amar.

A pezar destas promessas,
 O seu peito refalçado,
 Me trouxe sempre illudido,
 Trouxe-me sempre enganado.

Se hia ao campo passear,
Eu com ella tambem hia,
Hum instante só não deixava,
Sua feliz companhia.

Quantas vezes, quantas vezes,
A ingrattissima Belmira,
Cantou versos que eu lhe fiz,
Mesmo ao som da minha lyra.

Com ella nas tardes frescas,
Me hia na rocha assentar,
Para estarmos de lá vendo,
As crespas ondas do mar.

Meus innocentes obsequios,
Meus innocentes amores,
Compençou Belmira falsa,
Com offensas, com rigores.

Malquistou-me c'os Serranos,
Visinhos da sua Aldeia,
Vê Aonio, se se póde,
Obrar huma acção mais feia.

Aonio. Não te lembres dessa ingrata,
Põe aos teus pezares fim:
Onde viste neste tempo,
Mulher que não seja assim!

Tambem eu senti paixões,
 Cruéis, que nunca sentira,
 Por huma traidora, que era,
 Outra tal como Belmira.

Porém o tempo, que tudo
 Arraza, destroe, consome,
 Gastoume as paixões, e fezme,
 Esquecer da ingrata o nome.

Toma a lyra, eu te acompanho,
 Fere as cordas, saiba a ingrata,
 Que injustos desprezos seus,
 Teu coração não maltrata.

Aonio tomando a flauta,
 Se dispoz a acompanhar,
 Jonino, que ao som da lyra,
 Entrou assim a cantar:

Prendêrão-me agrados,
 D'hum genio fingido,
 Ond'anda escondido,
 Hum Nume traidor.

Da ingrata, que amei,
 Já vivo seguro,
 E os ferros penduro,
 No Templo de Amor.

Da fé promettida,
 Em vez dos afagos,
 Nascêrão estragos,
 Cercados de horror.
 São destes os fructos,
 Suspiros, e ais,
 Livrai-vos mortaes,
 Do Templo de Amor.

SONETO

A' Illustrissima, e Excellentissima Senhora

DOces mimos contigo o Ceo dispende,
 Os teus olhos formosos, o teu rosto,
 Novas conquistas fazem, e por gosto,
 Amor, o mesmo Amor a ti se rende:

Marilia, hum riso teu as Almas prende,
 Affugenta os pezares, o disgosto,
 Raivosa inveja de semblante opposto,
 Irada a vista pezarosa estende.

A teus pés quererião mil amantes
 Ver captiva a estimavel liberdade,
 Attendendo aos de amor doces instantes.

Desejos váos renascem da vontade,
 Regulando-te então votos constantes,
 Estimas, não amor, pura amizade.

São de Marilia os agradados,
Encanto dos corações,
Não precisa ter cupido,
Horriveis destros farpões;
O seu gesto visto, e ouvido,
Rende, e faz sentir paixões.

Aquelle, que teme amor,
Nunca a veja sem cautela,
Tema as graças do seu rosto,
Occulte-se sempre della,
Nume aos humanos opposto,
Jura vencellos com ella.

O seu modo delicado,
Meigo riso, meiga falla,
Attrahе tanto, que inda o rude,
Resolve firme adoralla,
Investigada a virtude,
Sente a gente, porém cala.

Réga a fontesinha o prado,
A branda relva humedece,
Cresce, da flores, e grata,
O beneficio agradece.

Arã a terra o Lavrador,
E semente em montes brutos,
Liberaes então os troncos,
Lhe dão saborosos fructos.

Mostra a vicosa roseira,
Pequenos botões verdinhos,
E a par delles apparecem,
Brandos delgados espinhos.

Mal que das verdes prizões,
O botão se vai soltando,
Vergonhoso a rubra cõr,
Pouco, e pouco vai mostrando.

O rebanho a quem persegue,
O cruel Lobo traidor,
Corre tímido, e procura,
Consternado o seu pastor.

O fiel rafeiro humilde,
Do senhor próva o castigo,
Mas se o chama, se o afaga,
Volta logo, e volta amigo.

Por natural condição ;
Até o rude animal,
Chega-se a quem lhe faz bem ;
Foge de quem lhe faz mal.

Os namorados pombinhos,
Que exemplos de amor nos dão !
Pois sabem guardar fiéis,
A mais feliz união.

O Rouxinol quando quer,
A' cara esposa agradar,
Sem que a incomode no leito,
Se põe de frente a cantar.

Para amar se fez o mundo,
Todo cheio de belleza,
Amor sustenta os viventes,
He ordem da natureza.

Amão-se os brutos, as Aves,
Amão-se os peixes, as feras,
Amar he doce a quem ama,
Não são duras Leis severas.

He de amor, só outro amor,
A fiel compensação,
Não ha quem disto não saiba,
Só Annalia ingrata não.

Tenho huma alma superior,
 A' desgraça, e á ventura.

COLCHEIA.

Volve, se he que tens valor,
 A roda ao meu mal agudo,
 Que eu contra ti, contra tudo,
 Tenho huma alma superior:
 Hum Nume auxiliador,
 Feliz exito me augura,
 E quando cuidas, perjura,
 Que me supplanto, ou me prostro,
 Tranquillo semblante mostro,
 A' desgraça, e á ventura.

Na sagrada Ara de Amor,
 Fôdo sacrilego mão,
 Foi teu cruez coração,
 Da jurada se pehor;
 Voto impuro, laço ardor,
 Profanava o Templo santo,
 Choro consagrada, e larva,
 Meu mal a todos moveo,
 Que Amor se compadecoo,
 Por ver correr o meu pranto.

*Passas de triste a contente ;
 Por ver ver correr o meu pranto ,
 Desta minha desventura ,
 Ah ! cruel , não zombes tanto .*

G L O S A .

DA fortuna , alegre o rosto ,
 Vi , qual nunca tinha visto ;
 E tu , Marília , por isto ,
 Sentiste fatal desgosto :
 Via de semblante opposto ,
 Tu te riste de repente ,
 Se ella vária não consente ,
 Que eu desfrute hum bem constante ,
 Que mais queres ? n'hum instante ,
Passas de triste a contente .

Na sagrada Ara de Amor ,
 Pondo sacrilega mão ,
 Foi teu cruel coração ,
 Da jurada fé penhor :
 Voto impuro , falso ardor ,
 Profanava o Templo santo ,
 Chorei consternado , e tanto ,
 Meu mal a todos moveo ,
 Que Amor se compadeceo ,
Por ver correr o meu pranto .

Não foi Mão d'Astro malino;
A quem já mais se resiste,
Quem me deo sorte tão triste,
Quem me deo fatal destino:
Não foi d'hum Nume ferino,
Lembrança barbara dura;
Dessa tua alma perjura,
Condição sempre traidora,
Foi, Marilia, a causadora,
Desta minha desventura.

Por huma infallivel regra,
Que aos sabios eu tenho ouvido;
He quasi sempre punido,
Quem do alheio mal se alegra:
A mão da desgraça negra,
Que me envolve em triste manto;
Póde inda tornar em pranto,
Teu riso n'hum só momento,
Teme isto; e do meu tormento
Ab! cruel, não zombes tanto.

F I M.